

# Extensão Universitária: A Ética da Alteridade na Relação com a Comunidade – O Caso do Projeto Banda Mirim<sup>1</sup>

Dulce Cornetet dos Santos<sup>2</sup>

Este artigo é uma versão parcial do texto *Extensão universitária: a ética da alteridade na relação com a comunidade*, realizado em co-autoria com a Prof<sup>a</sup> Josilda Berenice Fogaça<sup>3</sup> e com Marcelo Rodrigues de Almeida<sup>4</sup> e apresentado no IX Seminário Internacional de Educação, do Centro Universitário Feevale, em junho de 2006.

Pretende abordar a extensão universitária e as relações éticas nela percebidas. Através de um relato de nossa experiência pessoal na extensão do Centro Universitário Feevale, explicaremos como se deu a compreensão do conceito de extensão proposto nas políticas institucionais e quais as perspectivas percebidas como possibilidades de atuação.

Iniciamos discorrendo sobre as diversas conceituações de ética e as suas manifestações na educação para, finalmente apresentar um caso, a experiência do Projeto Banda Mirim, que avaliamos ser, em sua prática, um exercício de extensão construído eticamente com as comunidades nele envolvidas, e como essa experiência contribui para a nossa compreensão da concepção de extensão universitária que acreditamos ser norteadora de nossa prática.

## Compreensões sobre a ética

[...] os mundos sociais entrariam inevitavelmente em colapso se as práticas sociais fossem inteiramente aleatórias e sem significado, se não fossem regulamentadas por conceitos, valores e normas comuns a todos regras e convenções acerca de como fazer as coisas, de como as coisas são feitas nesta cultura. (Hall, 1997, p. 42).

Apesar de cientes das diferenças teóricas na concepção de Hall para com os demais autores utilizados como referência na construção deste artigo, optamos por iniciar nossa discussão sobre as diferentes compreensões de ética com uma citação do autor, exatamente por acreditarmos que esta compreensão passa pela diversidade dos olhares para ela direcionados.

Se buscarmos a origem da palavra “ética”, encontraremos na expressão grega “ethos” o significado de hábito ou costume, entendidos com superficialidade, como maneira exterior de comportamento. Esta concepção embasou a tradução latina “moral”.

“A palavra Moral tem origem no latim – morus – significando os usos e costumes, conjunto das normas para o agir específico ou concreto. A Moral está contida nos códigos, que tendem a regulamentar o agir das pessoas” (Moore, 1975).

Ainda na origem grega, podemos constatar na palavra “ethos” um significado mais complexo, que considera o lugar ou pátria onde habitualmente se vive e o caráter habitual, a maneira de ser ou forma de pensar da pessoa ou população (Japiassu, 2001).

Esta versão, de alguma forma, orienta a utilização atual que damos à palavra “ética”. Boff (1999) aprofunda ainda mais este significado, considerando-o como a toca do animal ou casa humana, a porção do mundo que reservamos para organizar, cuidar, fazer nosso hábitat. Trata de um “ethos” civilizacional, que deve emergir da natureza mais profunda do humano e referenciar-se no cuidado.

### **O projeto Banda Mirim**

O projeto Banda Mirim tem sua origem no Centro Universitário Feevale, na cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul.

Está vinculado à área temática *Diversidade Cultural e Memória*, que constitui um espaço de reflexão e articulação de projetos em torno da diversidade cultural, abrangendo as diferentes memórias sociais que constituem as diversas culturas na região de abrangência do Centro Universitário Feevale. Esta área temática problematiza conceitos como identidades culturais, memória social e patrimônio cultural. O Programa onde se insere, *Núcleo de Identidade, Gênero e Relações Interétnicas*: NIGERIA, fomenta a discussão e reflexão

continuada em torno das questões de gênero, identidades culturais e diversidade étnico-racial, contribuindo para a formulação de políticas públicas de inclusão social e desenvolvimento humano da referida região.

O projeto, iniciado em 2003, constitui-se de oficinas de percussão – uma banda mirim – composta por crianças oriundas de quatro escolas de samba de Novo Hamburgo. Este movimento se dá através da parceria com a Associação das Entidades Carnavalescas e Recreativas de Novo Hamburgo e acontece em quatro comunidades: Sociedade Cruzeiro do Sul, Escola de Samba Aí Vêm os Marujos, Protegidos da Princesa Isabel e Escola de Samba Portela do Sul.

Além das oficinas de percussão, ocorrem, todos os sábados pela manhã, oficinas temáticas organizadas por alunos/as e professores/as de diversos cursos: é uma iniciativa do curso de História, mas recebe professores e acadêmicos dos cursos de Letras, Artes Visuais, Ensino da Arte na Diversidade, Pedagogia, Normal Superior, Educação Física e Comunicação Social. As atividades acontecem e forma prioritária nas próprias comunidades, podendo, eventualmente, ocorrer fora dos espaços rotineiros, em situações planejadas previamente.

Através destas oficinas, busca-se promover a auto-estima das crianças no resgate da cultura negra e na

valorização da sua identidade dentro da constituição pluriétnica de uma comunidade que se funda no mito da colonização germânica. Nestes espaços se processam novas possibilidades de interpretação do mundo, mediante práticas pedagógicas que articulam os diferentes saberes acadêmicos e cotidianos em torno da identidade cultural e etnicidade negra.

### **A alteridade como essência ética na construção e socialização de conhecimentos**

Ao reconhecermos a Universidade como espaço de acumulação, produção e socialização de conhecimentos e a extensão universitária como “processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (Avaliação Nacional de Extensão Universitária, 2001), torna-se necessário questionar de que maneira acontece esta relação transformadora entre universidade e sociedade.

A extensão universitária manteve por muito tempo a concepção de assistencialismo, unilateralidade e autoritarismo em sua relação com a sociedade. A sua função primordial era de transmitir os conhecimentos por ela produzidos e selecionados como relevante para respectiva população.

A proposta dialética e dialógica faz parte da história recente da educação. Ter na universidade um espaço também de escuta altera as relações até então estabelecidas com a comunidade não acadêmica e apresenta-se como um exercício novo de relações de poder.

Para Sampaio (2004), este novo exercício significa “aprender e desenvolver a arte de saber sair de si mesmo para ter uma pré-ocupação com o outro, para querer o bem do outro. Em uma expressão: é a capacidade de viver na alteridade”. Reconhecer a existência do outro, suas manifestações, seus desejos e respeitar sua cultura passa a ser imperioso na relação transformadora entre universidade e sociedade.

Conforme descrito no próprio projeto de extensão:

As Escolas de Samba de Novo Hamburgo têm sido espaços privilegiados para a visibilidade de uma identidade negra, apesar de estarem inseridas num território branco cuja marca é a revitalização de uma memória coletiva em torno da figura do colonizador branco e europeu. A segregação social e racial dos grupos apontados como minorias traduz-se no afastamento de uma parcela significativa da população do acesso à cidade e dos seus espaços de sociabilidade, dos serviços de saúde, educação, moradia, entre outros. As escolas de samba apresentam-se, dessa forma, como espaços fundamentais para o fortalecimento de uma identidade, porque é através delas que esses grupos reivindicam e reafirmam

---

o direito à memória e à cidadania. O projeto intenta um trabalho permanente, que seja capaz de integrar as crianças e adolescentes à vivência das escolas de samba, ao conhecimento de suas histórias, bem como à defesa da diversidade cultural da região. À preocupação com a manutenção da tradição e preservação de uma memória coletiva, soma-se a necessidade de oferecer alternativas às crianças e adolescentes das comunidades frente a uma realidade de exclusão e violência.

Ao resgatar valores da cultura negra, em uma cidade de colonização tipicamente germânica, buscando sua perpetuação legitimada pela academia e evitando o imperialismo cultural da etnia predominante, o projeto Banda Mirim busca garantir um espaço de “capacidade de viver na alteridade”, ou seja, estar em sintonia com o outro a partir do outro.

O reconhecimento da centralidade que as atividades de percussão ocupam como força aglutinadora do Projeto Banda Mirim, sendo, por isso, decisivas na sustentabilidade de todo o processo, demonstra que há características específicas da cultura negra que possuem a força de sustentar o desejo de perceber-se pertencente àquela etnia.

Percebe-se esta força na declaração do Coordenador do Programa NIGERIA, prof. Norberto Kuhn Junior:

Confesso que passei a reconhecer esta centralidade apenas depois de ter

assumido a coordenação do NIGERIA e de passar a acompanhar o cotidiano de todas as escolas; até então, percebia esta atividade como dotada do mesmo sentido das demais oficinas pedagógicas. Não se trata aqui de propor uma hierarquização (o que implica rebaixamento de uma ou outra atividade), mas de reconhecer o lugar que determinadas práticas assumem em função dos seus contextos e neste caso, a radicalidade do lugar da música (a “batida do samba”) na composição identitária destas comunidades!

Este entendimento, que é tão óbvio em nossos livros, assume outro impacto quando reconhecido na percepção vivenciada! Talvez eu esteja exagerando, mas o ganho simbólico de um garoto/a que aprende a tocar instrumentos percussivos, naquele contexto, se equipara ao que representa, no contexto mais amplo, o aprendizado da escrita!

Por ser elemento radicado no cotidiano das expressões identitárias destas comunidades, é de se entender por que ocupa tanta centralidade. Não que outras atividades não possam lá ser desenvolvidas... mas o Projeto Banda Mirim “como um todo”, tem nas oficinas de percussão principal fonte de legitimidade junto a estas comunidades!

A possibilidade de vivenciar estas percepções, ultrapassando o conhecimento descrito em livros e transformando estas aprendizagens em outras, que serão levadas novamente à universidade e lá discutidas, elaboradas

---

e devolvidas às comunidades em forma de conhecimentos sistematizados ou de novas dúvidas a serem respondidas coletivamente, enriquece o processo de inovação pelo conhecimento e pode ser percebida nos projetos.

Assim, ressignificamos a palavra “ethos” considerando-a a partir da concepção de Boff como casa humana, ou porção do mundo que reservamos para organizar, cuidar e respeitar.

Cuidar deste espaço que é de todos, espaço de relações interétnicas, de trabalho, de produções culturais, de interações afetivas, de relações econômicas e sociais, é colocar a Universidade a serviço destas populações, interagindo com elas de forma a contribuir com aquilo que Edgar Morin denomina de construção da identidade terrena.

É nesse sentido que a extensão ocupa lugar privilegiado na academia, porque procura responder, com sua especificidade, à pergunta sobre o sentido tanto da produção quanto da socialização do conhecimento realizados no âmbito da universidade, ajudando, assim, a efetivar a relevância social e política do ensino e da pesquisa. É essa é a pergunta da ética. (Calderón, 2004, p. 18).

Se partirmos da idéia de que ética é um modo de olhar a vida de maneira que ela faça sentido, então poderemos pensar na extensão como lugar de relação com o outro, de ouvir e oportunizar relações de diálogo onde a

comunidade seja ouvida e entendida em vez de ser atendida – entendida na sua essência, na sua necessidade local, na sua possibilidade com o global, na sua cultura. E entendida na sua contribuição para a pesquisa, a construção de novos conhecimentos e tecnologias.

Este talvez seja o princípio ético da extensão: saber ouvir o que a sociedade tem a dizer. Dar significado aos conhecimentos produzidos na academia, nesta interlocução com a população para qual e com a qual produz conhecimentos.

É é nesta relação de diálogo que percebemos a indissociabilidade da extensão com o ensino e a pesquisa. A academia, através de seus projetos pedagógicos, deve conter em sua base possibilidades em que professores e alunos visualizem oportunidades infinitas de responsabilidade para com o direito de vida digna do outro.

Assim, podemos elaborar projetos de ações de extensão que se organizam de tal forma que o ensino e a pesquisa estejam legitimados pela proposta filosófica do curso, pela ética de seus proponentes e pelo desejo de seus atuantes.

Saber sobre a natureza da universidade como espaço privilegiado de acumulação, de produção e de socialização de conhecimento com relevância social; saber a extensão como uma categoria ética que pergunta pelo sentido do ensino e da pesquisa; saber a extensão como uma categoria estética que promove ações

substantivas de construção do belo e do bem-estar das pessoas; saber a extensão como disposição ao aprendizado da alteridade arte de amar; saber da imperiosa necessidade de superar posturas corporativistas, são hipóteses ou caminhos que podem ajudar na construção de uma Política Nacional de Extensão, que transforme o conhecimento produzido e socializado na academia em sabedoria, em um bem público ao qual todos possam ter acesso, visando à construção da dignidade da vida. (Calderón, 2004, p. 24).

A sensibilidade presente nos acadêmicos e professores que participam dos projetos já constitui em si mesma um conteúdo de aprendizagem que faz a diferença em suas formações e nos espaços onde atuam ou atuarão.

Poder acreditar que a extensão é tão formadora e transformadora da sensibilidade humana e colaboradora legítima para a construção de um outro mundo possível, onde o perceber o outro e a sua cultura como alguém importante para a manutenção da minha sobrevivência e da minha própria cultura, reacende em nós o desejo de continuar participando deste processo de fortalecimento da extensão como indissociável do ensino e da pesquisa no processo de formação humana.

## Referências bibliográficas

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Brasília: MEC Sesu, 2001.
- BRANQUINHO, João; MURCHO, Desidério (org.). **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. Lisboa: Gradiva, 2001.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999
- CALDERON, Adolfo Ignacio (org.). **Ação comunitária: uma outra face do ensino superior brasileiro**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.
- DECLARAÇÃO DA BAHIA. **Documento** do I Seminário de Reforma Universitária. Salvador. Maio de 1961.
- FÓRUM NACIONAL DE EXTENSÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA. A Universidade e o compromisso social: a contribuição da Extensão. **Anais**. Campinas: PUC, 2004.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HUISMAN, Denis. **Dicionário de obras de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Japiassu, Hilton; Marcondes, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

---

KUHN JÚNIOR, Norberto. Oficinas da pós-indústria – arte e o lúdico como matriz criativa e produtiva nos fundamentos do desenvolvimento social das comunidades locais. **Diversidade e políticas afirmativas: diálogos e intercursos**. Novo Hamburgo, RS. p. 85-100.

MOORE, G. E. **Princípios éticos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

MORIN, Edgar. Os **sete saberes necessários** à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2001.

NUNES, Margarete Fagundes. A extensão universitária como uma extensão do olhar: relato de uma experiência no projeto Banda Mirim. **Diversidade e políticas afirmativas: diálogos e intercursos**, Novo Hamburgo, RS. p. 65-83.

REVISTA BRASILEIRA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA / Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, Rio de Janeiro: UFRJ/ UNIRIO, vol. 3, n. 2, 2005.

SAMPAIO, Jorge Hamilton (Coord.). **A Universidade e o compromisso social**: a contribuição da extensão: Anais (do) Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias, XI Encontro Nacional de Extensão e Ação Comunitária. VI Assembléia Nacional, Campinas/SP, 27 a 29 de Outubro de 2004. Campinas/SP: PUC/Campinas, 2004. 208p.

TAVARES, M. G. M. **Extensão universitária: novo paradigma da universidade?** Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1996. (Tese de Doutorado em Educação Brasileira).

## Notas

- 1 O artigo toma como base os documentos institucionais do Núcleo de Identidade, Gênero e Relações Interétnicas – NIGERIA, programa de extensão que abriga o Projeto Banda Mirim. Atualmente o NIGERIA é coordenado pelo Prof. Ms Norberto Kuhn Junior, Professor do Centro Universitário Feevale.
- 2 Dulce Cornetet dos Santos – Feevale. Graduada em Educação Física. Mestre em Educação. Professora Adjunta no Centro Universitário Feevale. Assessora da Pró-Reitoria de Extensão do Centro Universitário Feevale. Professora da rede Municipal de Porto Alegre.
- 3 Josilda Berenice Fogaça – Feevale. Graduada em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia. Professora Assistente no Centro Universitário Feevale. Coordenadora do Programa Educação e Cidadania, do Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes no Centro Universitário Feevale. Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.
- 4 Marcelo Rodrigues de Almeida – UFV. Acadêmico do Curso de Agronomia na Universidade Federal de Viçosa. Bolsista da Extensão. Coordenador do Projeto Cores da Terra – UFV.